

SEMANA

44

1

Dia

Lucas 22.24-30

Jesus Reprova o Amor à Proeminência Explica a Verdadeira Grandeza, Promete Recompensa

Esta passagem nos mostra como o orgulho e o amor à proeminência estão firmemente arraigados no coração de homens bons. Os discípulos *“suscitaram (...) entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior”*. Esse tipo de discussão havia sido reprovada por nosso Senhor em ocasião anterior. A ordenança que os discípulos haviam acabado de receber e as circunstâncias em que eles se reuniram tornavam desagradável a discussão. Contudo, na última oportunidade em que poderiam ficar tranquilos ao lado de seu Senhor, antes de sua morte, o pequeno rebanho iniciou uma contenda a respeito de quem seria o maior. Assim é o coração do homem, sempre fraco, iludido e disposto, mesmo em seus melhores momentos, a voltar-se para aquilo que é mau.

São pecados muito antigos. Ambição, autoestima e presunção se encontram na profundidade do coração de todos os homens e, com frequência, os acharemos no coração daquelas pessoas que são menos suspeitas. Milhares imaginam que são humildes, mas não podem tolerar que um semelhante seja mais honrado e favorecido do que eles mesmos. Existem poucos que realmente se regozijam, de coração, com a promoção de seu próximo sendo colocado acima deles mesmos. A quantidade de inveja e ciúmes que contemplamos no mundo é uma prova notável da predominância do orgulho. Os homens não invejariam seu próximo se não tivessem um pensamento íntimo de que seus méritos são maiores do que os dele.

Se confessamos servir a Cristo, devemos vigiar contra uma enfermidade tão dolorosa. Não podemos calcular o dano que ela tem causado à igreja de Cristo. Aprendamos a nos alegrar com a prosperidade dos outros e estejamos contentes em ocupar nossas posições humildes. Devemos ter sempre em mente o princípio recomendado aos filipenses: *“Nada façais por partidatismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”* (Filipenses 2.3). O exemplo de João Batista é uma brilhante ocorrência do tipo de espírito que devemos almejar. Ele disse a respeito de nosso Senhor: *“Convém que ele cresça e que eu diminua”* (João 3.30).

Esta passagem nos mostra a notável descrição feita por nosso Senhor em referência à verdadeira grandeza cristã. Ele disse aos seus discípulos que o padrão mundano de grandeza consiste no exercício de senhorio e autoridade. *“Mas vós”, afirmou Ele, “não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve”*. Em seguida, Jesus reforçou o princípio utilizando o poderoso fato exemplificado em sua própria vida: *“Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve”*.

Ser útil ao mundo e à igreja, uma humilde prontidão para fazer qualquer coisa e colocar nossas mãos em qualquer boa obra, uma alegre disposição para ocupar qualquer posição, embora humilde, e realizar qualquer ofício, ainda que seja desagradável, se tão somente promoverem alegria e santidade na terra - são verdadeiras evidências da grandeza de

um crente. O herói do exército de Cristo não é aquele que possui uma grande posição, título, dignidade, armamentos e um grupo de soldados que seguem adiante dele; é aquele que não visa seus próprios interesses e sim o de outros. É aquele que se mostra amável, gentil e prudente para com todos, demonstrando possuir uma mão para ajudá-los e um coração disposto a sentir as aflições de todos. É aquele que se gasta e deixa-se gastar para diminuir o pecado e a miséria do mundo, para fortalecer os corações quebrantados, ser amigo dos que não têm amigos, consolar os tristes, iluminar os ignorantes e socorrer os pobres. Este é o homem verdadeiramente grande aos olhos de Deus. O mundo pode achar ridículo seus esforços e negar a sinceridade de seus motivos. Mas, enquanto o mundo escarnece, Deus fica satisfeito. Este é o homem que está andando com mais exatidão nos passos de Cristo.

Sigamos esse tipo de grandeza, se desejamos provar que somos servos do Senhor Jesus. Jamais nos contentemos em possuir um conhecimento intelectual nítido, lábios que fazem afirmações altissonantes, percepção habilidosa em lidar com controvérsias e um ardente zelo por coisas de nosso próprio interesse. Tenhamos certeza de que ministramos às necessidades de um mundo sobrecarregado de pecado e fazemos o bem ao corpo e à alma das pessoas. Bendito seja Deus, pois a grandeza que Cristo recomendou nessa ocasião está ao alcance de todos! Nem todos os servos de Cristo possuem cultura, ou dons, ou dinheiro. No entanto, todos eles podem ministrar à felicidade daqueles que os cercam, por meio de virtudes ativas ou passivas. Todos podem ser úteis e amáveis. Existe uma grande realidade em demonstrarmos bondade constante. Ela faz que a pessoa do mundo comece a pensar.

Esta passagem nos mostra o amável elogio que nosso Senhor proferiu a respeito de seus discípulos. Ele disse: *“Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações”*. Existe algo bastante admirável nestas palavras de apreciação. Conhecemos a fraqueza e imperfeição dos discípulos de Cristo durante todo o seu ministério terreno. Frequentemente, vemos o Senhor Jesus reprovando-lhes a ignorância e a incredulidade. Ele sabia muito bem que em poucas horas seus discípulos haveriam de abandoná-lo. Mas agora nós o vemos a ressaltar graciosamente um aspecto de sua conduta, destacando-o para que a igreja o observasse perpetuamente. Apesar de todas as suas falhas, os discípulos haviam sido fiéis ao seu Senhor. Seus corações haviam estado em retidão, embora cometessem muitos erros. Os discípulos se apegaram ao Senhor nos dias de sua humilhação, quando os grandes e os nobres estavam contra Ele; haviam *“permanecido”* com Ele em suas tentações.

Descansemos nossas almas no confortável pensamento de que Cristo é sempre o mesmo. Uma coisa é certa, Ele está atento às nossas virtudes, mais do que às nossas faltas; Ele tem compaixão de nossas falhas e não nos tratará de acordo com nossos pecados. Nunca qualquer outro senhor possuiu servos tão fracos e insignificantes quanto os crentes têm sido para o Senhor Jesus, porém nenhum outro servo teve um senhor tão compassivo e amável quanto o Senhor Jesus Cristo. Com certeza, não podemos amá-lo como Ele merece. Em diversas coisas ficamos muito aquém do que Ele deseja. Falhamos em conhecimento, coragem, fé e paciência. Muitas vezes, tropeçamos. Mas uma coisa sempre devemos fazer - amar o Senhor Jesus com todo nosso coração, alma, força e entendimento. Não importa o que os outros fazem, permaneçamos com Jesus, apegando-nos a Ele com um coração resolutivo. Feliz é aquele que pode dizer, assim como Pedro, humilhado e sentindo vergonha: *“Senhor, tu sabes que te amo”* (João 21.15).

Por último, esta passagem nos mostra a gloriosa promessa que nosso Senhor fez aos seus fiéis discípulos. Ele disse: *“Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel”*.

Era o legado final de nosso Senhor ao seu pequeno rebanho. Ele sabia que em poucas horas seu ministério entre os discípulos terminaria. Ele o concluiu com uma maravilhosa afirmativa de coisas boas entesouradas para seus discípulos. Talvez não possamos compreender o pleno significado de cada parte da promessa. Basta-nos saber que nosso Senhor prometeu aos seus onze fiéis discípulos glória, honra e recompensas que excederiam qualquer coisa que fizeram por Ele. Havia trilhado uma pequena jornada com Ele, assim como Barzilai o fizera com Davi, e realizado poucas coisas por Jesus. Ele assegurou aos onze que teriam no mundo por vir uma recompensa digna de um rei.

Ao findar nossa meditação sobre esta passagem, tenhamos o estimulante pensamento de que as recompensas que Cristo outorgará ao seu povo crente serão excessivamente superiores ao que fizeram por Ele. Suas lágrimas serão achadas no odre de Cristo. Seus mais insignificantes desejos para fazer o bem serão lembrados. Seus frágeis esforços para glorificá-lo estarão escritos no livro de recordações de Cristo. Nenhum copo de água fria perderá a sua recompensa. Amém!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Lucas 22.31-38

Pedro é avisado
A Espada e o Alforje, Recomendados

Satanás é um terrível inimigo para os crentes. Nosso Senhor declarou a Pedro: *“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!”* Satanás estava perto do rebanho de Cristo, embora eles não o vissem. Ele desejava muito arruiná-los, embora os discípulos não o soubessem. O lobo não almeja tanto o sangue da ovelha quanto Satanás deseja a destruição das almas.

Os crentes não pensam suficientemente sobre a personalidade, a atividade e o poder do diabo. Foi ele quem, no princípio, trouxe o pecado ao mundo, por meio da tentação de Eva. Satanás é descrito no livro de Jó como aquele que vive a *“rodear a terra e passear por ela”* (2.2); é aquele que nosso Senhor chamou de *“príncipe desse mundo”, “assassino”* e *“mentiroso”*. Satanás é aquele que Pedro comparou a um *“leão que ruge procurando alguém para devorar”*; é aquele que o apóstolo João chamou de *“o acusador de nossos irmãos”* (Apocalipse 12.10). Ele está sempre realizando o mal nas igrejas de Cristo, retirando a boa semente dos corações dos ouvintes, semeando o joio no meio do trigo, suscitando perseguições, sugerindo falsas doutrinas e fomentando divisões. O mundo é uma armadilha para o crente. A carne é um fardo e um obstáculo. Mas não existe um inimigo tão perigoso quanto o diabo, um inimigo incansável, invisível e experiente.

Se cremos na Bíblia, não nos envergonhamos de acreditar na existência do diabo. Uma das terríveis provas da dureza de coração e cegueira espiritual dos não convertidos é que eles brincam e falam levemente sobre Satanás. Mas se professamos seguir o verdadeiro cristianismo, estejamos alertas contra os ardis do diabo. O inimigo que venceu Davi e Pedro e atacou o próprio Senhor Jesus não é um inimigo a ser desprezado. Ele é muito sutil. Desde a criação, Satanás tem estudado o coração do homem. Ele pode se aproximar de nós com a aparência de um *“anjo de luz”*. Por isso precisamos vigiar, orar e vestir toda a armadura de Deus. Bendita é a promessa que assegura: *“Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”* (Tiago 4.7). Ainda mais bendito é o pensamento de que, ao retornar, o Senhor Jesus *“esmagará”* debaixo de nossos pés a Satanás e o prenderá com cadeias (Romanos 16.20).

Aprendemos destes versículos um dos grandes segredos de perseverança na fé por parte de um crente. Nosso Senhor disse a Pedro: *“Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”*. Foi por causa da intercessão de Cristo que o apóstolo não desfaleceu completamente.

A existência contínua da graça divina no coração do crente é um grande milagre. Os inimigos do crente são poderosos e, suas forças, pequenas; o mundo se encontra tão repleto de armadilhas e o coração do crente é tão fraco, que, à primeira vista, chegar ao céu lhe parece impossível. Esta passagem explica sua segurança. O crente tem um Amigo poderoso, assentado à direita de Deus, um Amigo que vive sempre para interceder pelo crente. Existe um Advogado atento, que está sempre pleiteando em favor do crente, contemplando todas as

suas necessidades diárias e obtendo o suprimento cotidiano de graça e misericórdia para sua alma. A graça na vida do crente nunca acaba, porque o seu Advogado vive a interceder (Hebreus 7.25).

Se somos verdadeiros crentes, acharemos que opiniões claras a respeito do ofício sacerdotal e da intercessão de Cristo são essenciais ao fortalecimento de nossa vida espiritual. Cristo vive, por isso nossa fé não desfalecerá. Acautelemo-nos de considerar Jesus apenas como Aquele que morreu por nós. Nunca esqueçamos que Ele está vivo para sempre. O apóstolo Paulo nos ordena recordar que Ele ressuscitou, está assentado à direita de Deus e também intercede por nós (Romanos 8.34). A obra que Cristo realiza em favor de seu povo ainda não está completa. Ele continua comparecendo na presença de Deus em benefício de seu povo, fazendo por suas almas aquilo que fez em benefício de Pedro. Seu ministério presente em favor dos crentes é tão importante quanto sua morte na cruz, há muitos séculos. Cristo vive; por conseguinte, os crentes também viverão.

Há uma obrigação de todos os crentes que recebem misericórdias especiais da parte de Cristo. Nosso Senhor disse a Pedro: *“Quando te converteres, fortalece os teus irmãos”*. Um dos atributos especiais de Deus é sua capacidade de fazer que o bem resulte do mal. Ele pode fazer com que a imperfeição e a fraqueza de alguns membros de sua igreja cooperem para o bem de todo o seu povo. Ele pode utilizar o tropeço de um crente como instrumento para capacitá-lo a ser um consolador e amparo para os outros. Já caímos em algum pecado, mas pela misericórdia de Cristo fomos levantados, para continuar andando em novidade de vida? Então, com certeza, somos as pessoas que devem tratar com gentileza nossos irmãos. Devemos contar-lhes, a partir de nossa própria experiência, quão terrível e doloroso é o pecado, adverti-los contra a atitude de brincar com a tentação, alertá-los contra o orgulho, a presunção e a negligência na oração e falar-lhes sobre a graça e a misericórdia de Cristo, se tiveram caído em pecado. Acima de tudo, devemos abordá-los com humildade e mansidão, lembrando pelo que nós mesmos passamos.

Seria bom para a igreja de Cristo, se os crentes demonstrassem mais prontidão em realizar boas obras desse tipo. Existem muitos crentes que em conversação pessoal nada adicionam à vida espiritual de seus irmãos. Parecem não ter um Salvador a respeito do qual podem testemunhar e nenhuma história da graça divina para relatar. Desanimam os corações daqueles com os quais convivem, ao invés de fortalecê-los. Essas coisas não devem ser assim. As palavras do apóstolo Paulo devem gravar-se profundamente em nosso coração: *“Tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos (...). Também nós cremos; por isso, também falamos”* (2 Coríntios 4.1 e 13).

Por último, aprendemos destes versículos que o servo de Cristo deve utilizar todos os meios razoáveis para fazer a obra de seu Senhor. Ele disse aos seus discípulos: *“Quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma”*. É mais seguro entender as palavras de Jesus no sentido proverbial. Elas se aplicam a todo o período de tempo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Até que nosso Senhor retorne, os crentes precisam utilizar com diligência todas as faculdades que Deus lhes outorgou. Eles não devem esperar que milagres aconteçam a fim de que sejam livres de problemas. Não precisam esperar que tenham alimentos, se não querem trabalhar para obtê-

los e não podem esperar que inimigos sejam vencidos e dificuldades superadas, se não lutam, batalham e se esforçam. Precisam lembrar que *“a mão dos diligentes vem a enriquecer-se”* (Provérbios 10.4).

Faremos bem se guardarmos no coração essas palavras de nosso Senhor e habitualmente agirmos de acordo com o princípio que elas contêm. Devemos trabalhar, agir, dar, falar e escrever por Cristo, como se tudo dependesse de nossas ações. Mas não esqueçamos que o sucesso depende totalmente da bênção de Deus. Esperar que o sucesso resulte de nossa *“bolsa”* ou *“espada”* é orgulho e justiça própria. Entretanto, esperar que sejamos bem sucedidos sem a *“bolsa”* e a *“espada”* é presunção e fanatismo. Façamos como Jacó, quando saiu ao encontro de Esaú, seu irmão. Jacó usou todos os meios inocentes para reconciliar-se com Esaú e apaziguá-lo. Mas, tendo feito tudo, passou a noite em oração (Gênesis 32.1-24).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

Agonia no Jardim

Lucas 22.39-46

Lucas descreve a agonia de nosso Senhor no jardim. Convém sempre nos aproximarmos desta passagem com reverência especial. A história aqui descrita é uma das “profundezas de Deus” (2 Coríntios 2.10). Enquanto a lemos, as palavras de Êxodo devem estampar-se em nossa mente: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êxodo 3.5).

Vemos aqui um exemplo do que os crentes devem fazer em tempos de aflição. O supremo Cabeça da igreja nos fornece o padrão. Quando Ele chegou ao monte das Oliveiras, na noite que antecedeu a crucificação, “se afastou (...) e, de joelhos, orava”.

É notável que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento oferecem a mesma receita para alguém que se encontra em aflição. O que diz o Livro dos Salmos? “*Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei*” (Salmo 50.15). O que afirma o apóstolo Tiago? “*Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração*” (Tiago 5.13). A oração foi o instrumento que Jacó utilizou quando estava receoso de seu irmão Esaú. A oração foi a prescrição que Jó empregou quando as propriedades e filhos lhe foram repentinamente tirados. A oração foi o recurso que Ezequias usou quando chegou-lhe às mãos a carta ameaçadora da parte de Senaqueribe. A oração foi a receita que o Filho de Deus não se envergonhou de utilizar nos dias de sua carne. Na hora de sua misteriosa agonia, Ele “*orou*”.

Tenhamos cuidado em nos servir do remédio de nosso Senhor, se desejamos receber consolo na aflição. Ainda que utilizemos outros meios de receber alívio, devemos orar. Deus tem de ser o primeiro Amigo ao qual recorreremos. Ao trono da graça é que devemos enviar nossa primeira petição. Não podemos permitir que nenhuma depressão nos impeça. Nenhuma tristeza profunda deve nos tornar mudos. Uma das principais armas de Satanás é fornecer ao coração aflito falsos motivos para se manter em silêncio diante de Deus. Acautelemo-nos da tentação de nos preocuparmos melancolicamente com nossas próprias aflições. Se não podemos falar qualquer outra coisa, então digamos: “*Ó Senhor, ando oprimido, responde tu por mim*” (Isaías 38.14).

Vemos nestes versículos que tipo de súplica o crente precisa fazer a Deus em tempos de aflição. Novamente, o próprio Senhor Jesus oferece o modelo para o seu povo. Ele disse: “*Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua*”. Aquele que fez este pronunciamento, não devemos esquecer, possuía duas naturezas distintas em uma só pessoa. Ele teve uma vontade humana e, ao mesmo tempo, uma vontade divina. Quando ele orou: “*Não se faça a minha vontade*”, pretendia mostrar que era a sua vontade humana, visto que possuía carne, ossos e um corpo semelhante ao nosso.

A linguagem de nosso bendito Senhor demonstra exatamente qual deve ser a essência da oração de um crente em momentos de angústia. Assim como Jesus, o crente deve revelar abertamente seus desejos e contar sem reservas os seus anseios diante do seu Pai celestial.

Porém, assim como Jesus, o crente deve fazer tudo manifestando uma completa submissão de sua vontade à de Deus, nunca esquecendo que existem motivos sábios e corretos para as suas aflições. Cada súplica do crente em favor da remoção do sofrimento precisa ser qualificada com a seguinte cláusula: *“Se for a tua vontade”*. Ele deve terminar sua oração com a humilde confissão: *“Não se faça a minha vontade, e sim a tua”*.

A submissão da vontade é uma das mais brilhantes virtudes que pode adornar o caráter do crente. É uma virtude que o filho de Deus deve almejar em todos os aspectos de sua vida, se deseja ser como Cristo. Todavia, em nenhuma outra circunstância essa virtude é tão necessária quanto no dia da tristeza e ela não se mostra tão resplandecente quanto nas orações de um crente suplicando por alívio. Aquele que de coração pode dizer, quando tem um cálice amargo diante de si: *“Não se faça a minha vontade, e sim a tua”*, atingiu um elevado grau na escola de Deus.

Apreendemos sobre a excessiva culpa e pecaminosidade do pecado, este fato ao considerar a agonia do Senhor Jesus, as gotas de sangue no seu suor e todas as misteriosas aflições que sofreu no corpo e na mente, descritas nesta passagem. A princípio, essa lição pode não ser clara para um leitor que não atenta às Escrituras, mas ela se encontra neste relato.

Como podemos explicar a profunda agonia que nosso Senhor sentiu no jardim? Que motivo pode justificar o intenso sofrimento, físico e mental, que evidentemente Ele suportou? Existe apenas uma resposta satisfatória. Foi causado pelo fardo de pecado dos homens que lhe foi imputado, um fardo que a partir daquele momento começava a pesar sobre Ele de maneira sobrenatural. Ele assumira o compromisso de ser feito *“pecado por nós”* (2 Coríntios 5.21), de tornar-se *“maldição”* em nosso lugar (Gálatas 3.13) e de aceitar que nossas iniquidades fossem lançadas sobre si mesmo (Isaías 53.6). Foi o enorme peso de nossas iniquidades que o fizeram sofrer tal agonia. Foi o sentimento da culpa dos homens pressionando o eterno Filho de Deus que o levaram a suar gotas de sangue e extrair dele *“forte clamor e lágrimas”* (Hebreus 5.7). A causa da agonia de Cristo foi o pecado do homem.

Com intenso zelo, precisamos nos acautelar do conceito moderno de que a vida e a morte de nosso bendito Senhor não passaram de um grande exemplo de autossacrifício. É um conceito que traz confusão e joga trevas sobre todo o evangelho. Desonra o Senhor Jesus, retratando-o como uma pessoa menos resignada do que muitos dos mártires modernos, no dia de sua morte. Temos de nos apegar com toda firmeza à antiga doutrina de que Cristo estava *“carregando (...) os nossos pecados”*, tanto no jardim quanto na cruz. Nenhuma outra doutrina pode explicar essa passagem do evangelho de Lucas ou satisfazer a consciência do homem culpado.

Queremos ver a pecaminosidade do pecado em suas verdadeiras cores? Desejamos aprender a odiar o pecado com um ódio santo? Pretendemos saber algo a respeito da intensa miséria das almas no inferno? Temos o desejo de entender algo do indizível amor de Cristo? Desejamos compreender a capacidade de Cristo em simpatizar com aqueles que passam por aflições? Então, tenhamos com frequência em nossos pensamentos a agonia no jardim. A profundidade da agonia de Jesus pode nos fornecer alguma ideia de quanto somos devedores a Ele.

Por último, vemos um exemplo da fragilidade dos melhores crentes. Quando nosso Senhor estava em agonia, seus discípulos estavam dormindo. Apesar da exortação para que orassem e da clara advertência contra a tentação, a carne venceu o espírito. Enquanto o Senhor Jesus suava gotas de sangue, seus apóstolos dormiam!

Passagens como esta são bastante instrutivas e devemos agradecer a Deus por terem sido escritas para nosso ensino. Têm o propósito de nos ensinar a humildade. Se os apóstolos comportaram-se dessa maneira, o crente que imagina estar de pé precisa ficar atento para não cair. Passagens como esta tencionam levar o crente a aceitar a morte e a ansiar aquele glorioso corpo que receberá quando Cristo voltar. Somente, então, seremos capazes de esperar em Deus, sem nos cansarmos fisicamente, e servi-lo dia e noite em seu templo.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

Lucas 22.47-53

O Aprisionamento de Cristo

Primeiramente, estes versículos nos ensinam que o pior e mais ímpio ato pode ser praticado como uma demonstração de amor a Cristo. Quando Judas Iscariotes trouxe os inimigos de Cristo para prendê-lo, ele o traiu *“com um beijo”*. Judas simulou afeição e respeito no próprio momento em que entregaria seu Senhor aos inimigos mortais.

Infelizmente, é um tipo de comportamento comum entre os homens. As páginas da História relatam muitos casos de grande impiedade realizada sob a máscara de cristianismo. O nome de Deus frequentemente tem sido utilizado a serviço da perseguição, traição e crime. Quando Jezabel desejou matar Nabote, ela ordenou que apregoassem *“um jejum”* e que falsas testemunhas o acusassem de haver blasfemado *“contra Deus e contra o rei”* (1 Reis 21.9-10). Quando o Conde de Montfort dirigiu uma cruzada contra os albigenses, ordenou que esses fossem saqueados e mortos como um serviço à igreja de Cristo. Quando a Inquisição espanhola torturou e queimou hereges suspeitos, justificou seus atos abomináveis confessando que havia sido uma manifestação de zelo pela verdade de Deus. Judas nunca ficou sem imitadores ou sucessores. Sempre tem havido homens dispostos a *“com um beijo”* trair o Senhor Jesus e prontos para, sob aparência de respeito, entregar o verdadeiro evangelho aos inimigos.

Esse tipo de conduta, sem dúvida, é completamente abominável aos olhos de Deus. Causar injúria ao cristianismo em qualquer circunstância é um grave pecado, mas trazer-lhe injúria, enquanto simulamos demonstrar bondade, é o mais perverso de todos os pecados. Trair Cristo em qualquer época é o cúmulo da impiedade, porém traí-lo *“com um beijo”* comprova que aquele indivíduo se tornou filho do inferno.

Estes versículos nos ensinam que é mais fácil contender por Cristo do que suportar dificuldades, ser preso e morto por amor a Ele. Quando os inimigos de nosso Senhor se aproximaram para prendê-lo, um de seus discípulos *“feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita”*. Porém, o zelo do discípulo teve vida curta e sua coragem logo desapareceu. O temor dos homens o venceu. Ao ser levado preso, nosso Senhor foi sozinho; o discípulo que se mostrou tão disposto a lutar por Ele, realmente o abandonou e fugiu. É uma lição profundamente instrutiva. Sofrer com paciência por Cristo é mais difícil do que trabalhar ativamente por Ele. Permanecer quieto e suportar com tranquilidade a aflição é muito mais difícil do que sentir-se estimulado e envolver-se na batalha. Os soldados sempre serão em maior número do que os mártires. As virtudes passivas do cristianismo são mais raras e preciosas do que as ativas. Trabalhar para Cristo pode acontecer por motivos espúrios, tais como empolgação, entusiasmo, partidarismo ou desejo por louvor. Sofrer por Cristo raramente será suportado, exceto apenas por um motivo - a graça de Deus.

Faremos bem ao recordar essas características, quando comparamos as virtudes de muitos crentes professos. Muitas vezes, erramos ao supor que são mais dignos de honra aos

olhos de Deus aqueles que realizam obras vistas por muitos, que pregam, falam, escrevem bem e emocionam as pessoas. Tais pessoas, às vezes, são menos estimadas por Deus do que algum crente simples e desconhecido, que por muito tempo permanece doente, em uma cama, suportando dor sem murmurar. É possível que aquelas obras vistas pelos homens tragam menos glória para Cristo do que a paciência e as orações do crente sofredor. O grande teste da graça divina é um sofrer paciente. O Senhor Jesus disse sobre o apóstolo Paulo: *“Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome”* (Atos 9.16). Podemos estar certos de que Pedro fez menos benefício ao sacar sua espada e cortar a orelha de um homem do que ao testemunhar calmamente, na ocasião em que estava preso: *“Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”* (Atos 4.20).

Por último, estes versículos nos ensinam que Deus limita e estabelece o tempo em que permite o mal triunfar. Nosso Senhor disse aos seus inimigos, quando o prenderam: *“Esta (...) é a vossa hora e o poder das trevas”*.

A soberania de Deus sobre tudo que será realizado na terra é absoluta e completa. As mãos dos ímpios estão impedidas de agir até que Ele o permita. Os ímpios nada podem fazer sem a permissão divina. Mas isso não é tudo. As mãos dos ímpios não podem mover-se, enquanto Deus não o permitir, e agirão somente até quando Ele ordenar que parem. Os piores instrumentos de Satanás estão agindo com as mãos algemadas. Ele não pôde tocar nas propriedades e parentes de Jó até que Deus lhe permitiu. Não foi capaz de impedir o retorno da prosperidade de Jó, quando Deus planejou que isto acontecesse. Os inimigos de nosso Senhor não puderam prender e matá-lo enquanto não chegou a *“hora”* de seu sofrimento, determinada pelo Pai. Tampouco eles puderam impedi-lo de ressuscitar, quando chegou a hora em que foi declarado Filho de Deus com poder, por meio de sua ressurreição dentre os mortos (Romanos 1.4). Quando Ele foi conduzido ao Calvário, aquela foi a *“hora”* de seus inimigos, mas a sua vitoriosa ressurreição foi a sua *“hora”*.

Estes versículos esclarecem a história dos crentes, desde os dias dos apóstolos até ao presente. Com frequência, eles foram severamente oprimidos e perseguidos; contudo, a mão de seus inimigos nunca teve permissão de prevalecer por completo. A *“hora”* de suas provações geralmente foi seguida por um tempo de expansão do evangelho. O triunfo de seus inimigos jamais foi completo. Os inimigos dos crentes têm sua *“hora”*, porém um dia nunca mais a terão. Após a perseguição de Estêvão, ocorreu a conversão de Paulo. Após o martírio de John Huss, aconteceu a Reforma na Alemanha. Após as perseguições da rainha Maria, na Inglaterra, veio o estabelecimento do protestantismo inglês. Os invernos mais intensos foram seguidos pela primavera. As tempestades mais severas foram sucedidas pelo céu azul.

Confortemo-nos nas palavras de nosso Senhor, ao pensarmos no futuro de nossa própria vida. Se seguimos a Cristo, teremos a nossa *“hora”* de provações e talvez ela seja demorada. Mas podemos descansar seguros de que a escuridão não prevalecerá um momento sequer além do que Deus achar conveniente para nós. No seu devido e bom tempo, ela se desvanecerá.

Confortemo-nos com as palavras de nosso Senhor, ao anteciparmos a história futura da igreja e do mundo. Nuvens e trevas poderão assediá-la, mas os últimos dias da igreja e do mundo provavelmente

serão os piores dias. Mas a *“hora”* da provação, embora seja bastante severa, terá um fim. Mesmo nos piores momentos, podemos dizer, com ousadia: *“Vai alta a noite, e vem chegando o dia”* (Romanos 13.12).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

Lucas 22.54-62

A Negação de Pedro

Estes versículos descrevem uma queda do apóstolo Pedro. É uma passagem que humilha o orgulho humano e é especialmente instrutiva para todo crente. A experiência de Pedro relatada aqui tem sido um alerta para toda a igreja de Cristo e provavelmente tem preservado da destruição milhares de almas. É uma passagem que fornece abundante prova de que as Escrituras são inspiradas e o cristianismo procede de Deus. Se o cristianismo tivesse sido inventado por homens não inspirados por Deus, seus primeiros historiadores jamais nos teriam contado que um de seus principais apóstolos negou três vezes seu Senhor.

Por meio da experiência de Pedro aprendemos quão insignificantes e graduais são os passos que podem levar os homens a grandes pecados. Os vários passos da queda de Pedro foram ressaltados pelos escritores dos evangelhos. Precisamos sempre observá-los, ao ler esta parte da história do apóstolo. O primeiro passo foi autoconfiança orgulhosa. Embora todos viessem a negar Cristo, Pedro jamais faria isso. Ele estava pronto para segui-lo até à prisão e à morte. O segundo passo foi uma indolente negligência da oração. Quando seu Senhor ordenou que orasse para não entrar em tentação, Pedro deu ocasião à sonolência e dormiu. O terceiro passo foi uma vacilante indecisão. Quando os inimigos de Cristo chegaram para prendê-lo, Pedro à princípio lutou, mas em seguida fugiu; depois retornou e, finalmente, o seguiu *“de longe”*. O quarto passo foi associar-se a más companhias. Ele se dirigiu à casa do sumo sacerdote e assentou-se entre os criados aos redor do fogo, procurando conciliar seu cristianismo com o ouvir e ver diversos tipos de maldade. O quinto e último passo foi a consequência natural dos primeiros quatro. Ele foi vencido pelo temor, quando subitamente foi acusado de ser discípulo de Cristo. A armadilha estava ao redor de seu pescoço; ele não podia escapar. Precipitou-se no erro mais rápido do que antes e negou seu bendito Senhor por três vezes. Temos de lembrar que o erro havia sido cometido antes. A negação foi apenas o resultado da doença.

Acautelemo-nos de tomar os primeiros passos em direção à apostasia, embora tais passos sejam pequenos. Nunca sabemos onde podemos chegar se nos desviarmos do caminho do Senhor. O crente que começa a afirmar a respeito de qualquer pecado que *“é apenas uma coisinha insignificante”*, encontra-se em perigo iminente. Está semeando em seu coração sementes que um dia germinarão e produzirão frutos amargos. Existe um ditado popular que diz: *“Se uma pessoa cuida bem de seus centavos, os milhões cuidarão de si mesmos”*. Podemos extrair uma preciosa lição espiritual desse ditado. O crente que com diligência guarda seu coração diante de coisas pequenas será guardado de grandes pecados.

A história da queda de Pedro nos ensina em que grave pecado o crente pode se envolver. A fim de percebermos a lição com clareza, precisamos levar em conta todas as circunstâncias relacionadas. Pedro era um apóstolo escolhido e que desfrutara privilégios espirituais superiores aos de muitas outras pessoas no mundo. Acabara de participar da Ceia do Senhor e de ouvir aquele maravilhoso discurso registrado em João 14, 15 e 16, além disso

fora advertido quanto seu próprio perigo. Havia protestado em voz forte que estava pronto para enfrentar qualquer coisa que lhe sobreviesse. No entanto, ele negou repetidamente o seu gracioso Senhor. Pedro o negou três vezes seguidas, sem intervalos, o que lhe deu tempo para reflexão.

O mais nobre e ilustre dos crentes é apenas uma criatura frágil, mesmo em seus melhores momentos. Quer saiba, quer não, ele carrega em seu íntimo uma capacidade quase irrestrita para o mal, embora sua conduta exterior seja decente e correta. Não existe um pecado tão grande que ele esteja impedido de cometer, se não vigiar e orar, e se a graça de Deus não sustentá-lo. Quando lemos sobre a queda de Noé, Ló e Pedro, apenas estamos lendo aquilo em que possivelmente alguns de nós cairemos. Não sejamos presunçosos, jamais alimentemos pensamentos elevados em referência à nossa própria firmeza e nunca menosprezemos os outros. Dentre os assuntos pelos quais oramos, devemos suplicar diariamente que andemos *“humildemente com (...) Deus”* (Miquéias 6.8).

A queda de Pedro nos ensina a infinita misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo. É um ensino fortemente ressaltado por um fato relatado somente no Evangelho de Lucas. Quando Pedro negou a Jesus pela terceira vez e o galo cantou, o Senhor voltou-se e *“fixou os olhos”* nele. Que palavras comoventes! Mesmo cercado por inimigos injuriosos, que desejavam muito a sua morte, e contemplando as horríveis afrontas que receberia, um tribunal injusto e uma dolorosa morte, o Senhor Jesus ainda achou tempo para pensar amavelmente a respeito de seu apóstolo errante. Mesmo naquela hora, Jesus desejava que Pedro soubesse: Ele não o havia esquecido. Embora estivesse triste, mas não furioso, o Senhor voltou-se e *“fixou os olhos”* em Pedro. Havia um profundo significado naquele olhar. Foi um sermão que Pedro jamais esqueceu.

O amor de Cristo por seu povo é semelhante a uma fonte profunda e inesgotável. Nunca o avaliemos por compará-lo ao amor de qualquer pessoa, visto que ultrapassa todos os outros tipos de amor, assim como o sol excede qualquer luz opaca. Nesse amor existe uma fonte inesgotável de compaixão, paciência e disposição para perdoar pecados. Temos um ínfimo conceito sobre as riquezas desse amor. Não fiquemos receosos de confiar nele, quando percebermos o primeiro sinal de nossos pecados. Nunca tenhamos medo de continuar confiando nesse amor, depois que começamos a fazê-lo. Ninguém precisa se desesperar, mesmo que tenha cometido graves pecados, se tão somente arrepender-se e entregar-se a Cristo. Se o amor dele se mostrou tão gracioso, quando estava preso na sala de julgamento, com certeza não precisamos imaginar que será menos gracioso agora que Ele está assentado à destra de Deus.

Por último, a história da queda de Pedro nos ensina quão doloroso é o pecado para o crente, quando este cai em pecado e reconhece sua queda. Esta é uma lição claramente ressaltada nestes versículos. Quando Pedro recordou a advertência que havia recebido e percebeu como havia caído no pecado, *“saindo dali, chorou amargamente”*. Ele descobriu por experiência própria a verdade anunciada por Jeremias: *“Tudo isto não te sucedeu por haveres deixado o SENHOR, teu Deus, que te guiava pelo caminho?”* (Jeremias 2.17). Pedro sentiu profundamente a verdade das palavras de Salomão: *“O infiel de coração de seus próprios*

caminhos se farta” (Provérbios 14.14). Sem dúvida, ele poderia ter dito, assim como Jó: *“Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza”* (Jó 42.6).

Muita tristeza, devemos sempre lembrar, acompanha de maneira inseparável o verdadeiro arrependimento. Nisso está a grande distinção entre o *“arrependimento para a salvação”* e o remorso inútil. O remorso é capaz de tornar um homem miserável, assim como Judas Iscariotes, porém não pode fazer nada além disso. O remorso não leva o homem a Deus, mas o verdadeiro arrependimento abrandando o coração do homem e enternecendo sua consciência, manifestando-se em uma verdadeira conversão ao Pai celestial. Os pecados em que se envolvem aqueles que apenas confessam ser crentes e não possuem a graça divina são pecados dos quais essas pessoas não se levantam. Mas a queda no pecado de um verdadeiro servo de Cristo sempre termina em contrição profunda, humilhação de si mesmo e mudança de atitude.

Ao finalizar nossa meditação sobre esta passagem, tenhamos cuidado para sempre utilizarmos corretamente o relato sobre a queda de Pedro. Jamais a utilizemos como desculpa para o pecado. De sua triste experiência, aprendamos a vigiar e a orar, para não cairmos em tentação. E, se cairmos, devemos crer que há esperança para nós, assim como houve para o apóstolo. No entanto, acima de tudo, lembremos que, se cairmos de modo semelhante ao de Pedro, temos de nos arrepender, assim como ele, ou jamais seremos perdoados.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

Os Principais Sacerdotes Insultam e Condenam o Senhor

Lucas 22.63-71

Encontramos neste relato de Lucas o vergonhoso tratamento que nosso Senhor recebeu de seus inimigos. Os homens que o prenderam “zombavam dele, davam-lhe pancadas” e vendaram seus olhos. Não lhes bastou ter aprisionado Alguém cuja vida era inculpável e repleta de bondade. Precisavam acrescentar insultos à sua injúria.

Temos aqui uma demonstração da desesperadora corrupção da natureza humana. Os excessos de malignidade selvagem praticados muitas vezes pelos ímpios e o intenso prazer que sentem em pisotear os mais corretos e mais puros dentre os homens quase justificam a importante afirmação de um falecido teólogo: “*O homem entregue a si mesmo possui uma parte animal e uma parte demoníaca*”. Ele odeia a Deus e a todos que em si retratam a imagem de dele. “*O pendor da carne é inimizade contra Deus*” (Romanos 8.7). Temos pouca ideia do que o mundo poderia se tornar se não existisse o constante restringimento que Deus misericordiosamente impõe sobre o mal. Não é exagero afirmar que, se os incrédulos tivessem plena liberdade de seguir seus próprios caminhos, a terra logo se tornaria igual ao inferno.

A calma submissão de nosso Senhor diante dos insultos aqui descritos manifesta a profundidade de seu amor pelos pecadores. Se desejasse, Ele poderia ter cessado a insolência de seus inimigos em um momento. Ele, que com uma palavra expulsara demônios, poderia ter convocado multidões de anjos para estarem ao seu lado e desbaratarem aqueles perversos instrumentos de Satanás. Mas o coração de nosso Senhor estava focado na obra grandiosa que viera realizar no mundo. Ele se comprometera a comprar nossa redenção por meio de sua própria humilhação e não se esquivaria de pagar o preço, até às últimas consequências. Ele determinara beber o cálice amargo do sacrifício vicário para salvar pecadores e, “*em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia*” (Hebreus 12.2). Ele bebeu todo o cálice de sofrimento.

A paciência que nosso Senhor demonstrou deve ensinar uma lição muito preciosa a todos os verdadeiros crentes. Devemos abandonar toda murmuração, queixas e irritação de espírito, quando formos maltratados pelo mundo. O que representam os insultos aos quais às vezes temos de nos sujeitar, se comparados com os insultos lançados sobre nosso Senhor? “*Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças*” (1 Pedro 2.21-23). Ele nos deixou o exemplo, para que sigamos os seus passos. Portanto, devemos agir de maneira semelhante.

Vemos nestes versículos a notável profecia anunciada por nosso Senhor em referência à sua segunda vinda. Ele disse aos inimigos que o insultavam: “*Desde agora, estará sentado o Filho do homem à direita do Todo-Poderoso Deus*”. Eles achavam errado que Ele tivesse vindo em sua aparência humilde e queriam um Messias glorioso? Um dia veriam-no em glória. Seus inimigos julgavam-no fraco, impotente e desprezível, porque naquela ocasião Ele não possuía qualquer majestade visível? Um dia haveriam de contemplá-lo na mais elevada posição no céu,

cumprindo assim a bem conhecida profecia de Daniel, revestido de autoridade em suas mãos para realizar todo julgamento (Daniel 7.9-10).

Estejamos atentos para que a glória futura de Cristo, assim como sua paixão e morte, se torne um dos artigos de nosso credo. Deve ser um dos mais importantes princípios de nosso cristianismo a verdade de que o Jesus escarnecido, desprezado e crucificado é o mesmo que agora possui toda autoridade *“no céu e na terra”* e um dia virá na glória de seu Pai, com todos os seus anjos. Se contemplamos apenas a cruz e o primeiro advento de Cristo, estamos vendo somente metade da verdade; é essencial à nossa consolação que vejamos também o segundo advento e a coroação do Senhor Jesus. O mesmo Jesus que compareceu diante do tribunal dos principais sacerdotes e de Pilatos se assentará em um trono de glória e convocará todos os seus inimigos a comparecerem diante dele. Feliz é o crente que preserve com firmeza diante de seus olhos as palavras *“desde agora”*. No presente, os crentes devem se contentar em participar dos sofrimentos de seu Senhor e, como Ele, parecerem fracos. Desde agora, porém, compartilham de sua glória e, com Ele, são fortes. No presente, assim como seu Senhor, não podem ficar surpresos se forem escarnecidos, desprezados e desacreditados. No entanto, *“desde agora”* estão assentados com Ele, nos lugares celestiais.

Por último, estes versículos relatam a completa e ousada confissão de nosso Senhor acerca de seu messiado e divindade. Em resposta à solicitação de seus inimigos: *“Logo, tu és o Filho de Deus”*, Jesus lhes declarou: *“Vós dizeis que eu sou”*. À primeira vista, o sentido dessa sentença curta pode não parecer claro ao leitor. A sentença significa, em outras palavras: *“Vocês falaram a verdade. Como disseram, Eu sou o Filho de Deus”*.

A confissão de nosso Senhor despojou seus inimigos de todas as desculpas para sua incredulidade. Os judeus não podem alegar que Jesus deixou seus antepassados na ignorância a respeito de sua missão, mantendo-os em dúvida ou suspense. Na ocasião, vemos nosso Senhor contando-lhes quem Ele era, em palavras mais compreensíveis para os judeus do que para nós. Apesar disso, a confissão não produziu qualquer bom resultado naqueles judeus, visto que seus corações estavam endurecidos pelo preconceito. Suas mentes estavam entenebrecidas por cegueira judicial. O véu estava sobre os olhos de seu homem interior. Com indiferença, ouviram a confissão de nosso Senhor e se precipitaram mais profundamente no mais terrível pecado.

A confissão ousada de nosso Senhor tinha o objetivo de se tornar um exemplo para todos os verdadeiros crentes. Assim como Ele, não podemos nos esquivar de falar quando a oportunidade exigir nosso testemunho. O temor dos homens e a presença de uma multidão não podem nos fazer calar (Jó 31.34). Não precisamos tocar uma trombeta e sair por todos os lugares proclamando nosso cristianismo. Com certeza, as oportunidades surgirão no caminho diário de nossos deveres, quando, assim como o apóstolo Paulo, a bordo de um navio, poderemos mostrar a quem pertencemos e a quem servimos (Atos 27.23). Nessas oportunidades, se temos a mente de Cristo, não tenhamos medo de mostrar o que somos. Nosso Senhor aprecia muito os discípulos ousados, que proclamam o seu nome. Ele honrará aqueles que o honram, ao viverem em testemunho franco e corajoso, porque esses estão andando em suas pisadas. *“Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”* (Mateus 10.32).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?



7

Dia

Lucas 23.1-12

Cristo Diante de Pilatos

Primeiramente, vemos nestes versículos as falsas acusações que foram lançadas contra nosso Senhor. Os judeus o acusaram de perverter a *“nação, vedando pagar tributo a César”*. Sabemos que não havia nelas qualquer verdade. Era apenas uma ingênua tentativa de tornar os sentimentos do governador contrários a nosso Senhor. Falso testemunho e difamação são as duas armas favoritas do diabo.

Ele é mentiroso desde o princípio e continua sendo o *“pai da mentira”* (João 8.44). Quando percebe que não pode obstruir a obra de Deus, seu próximo artifício é manchar o caráter dos servos de Deus e destruir o valor de seu testemunho. Com esta arma, ele investiu contra Davi, que disse: *“Levantam-se iníquas testemunhas e me arguem de coisas que eu não sei”* (Salmo 35.11). Foi com esta mesma arma que ele agiu contra os profetas e Elias foi chamado de *“perturbador de Israel”* (1 Reis 18.17). Jeremias foi acusado de ser um homem que não procurava *“o bem-estar para o povo, e sim o mal”* (Jeremias 38.4). Satanás atacou os apóstolos utilizando a mesma arma. Eles eram *“uma peste”* e haviam *“transtornado o mundo”* (Atos 24.5; 17.6). Com essa arma, ele assediou nosso Senhor durante todo o seu ministério. Ele despertou seus agentes para chamarem-no de *“glutão e bebedor de vinho”*, de *“samaritano”* e *“demônio”* (Lucas 7.34; João 8.48). E nesta passagem nós o encontramos sacando a sua velha arma. Jesus foi levado a julgamento diante de Pilatos sob acusações que eram completamente mentirosas.

O servo de Cristo não deve ficar surpreso se tiver de beber do mesmo cálice. Se Aquele que é santo, puro e inculpável foi perfidamente difamado, como podemos esperar que seremos isentos de tal coisa? *“Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?”* (Mateus 10.25) Contra os santos as pessoas afirmam muitas coisas más. Inocência perfeita não constitui uma proteção contra mentiras, calúnias e mal entendidos. Um caráter irrepreensível não nos protegerá contra a língua mentirosa. Temos de suportar a provação com paciência, pois faz parte da cruz de Cristo. Precisamos ficar quietos, descansar nas promessas de Deus e crer que a verdade prevalecerá. Davi afirmou: *“Descansa no SENHOR e espera nele. Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia”* (Salmo 37.6,7).

Vemos nestes versículos os motivos estranhos e variados que influenciam os corações dos não convertidos que ocupam posições importantes. Quando Pilatos enviou nosso Senhor a Herodes, rei da Galiléia, este, *“vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal”*.

São palavras notáveis. Herodes era um homem mundano, lascivo, que assassinara João Batista e vivia em pleno adultério com a esposa de seu irmão. Era o tipo de homem, poderíamos imaginar, que não manifestaria qualquer desejo de ver Cristo. Mas Herodes tinha uma consciência intranquila. Sem dúvida, o sangue do assassinato dos santos de Deus com

frequência surgia em seus pensamentos, roubando-lhe a paz. A fama dos milagres e da pregação de nosso Senhor alcançara a corte de Herodes. Ali foi noticiado que outra testemunha contra o pecado havia surgido, uma testemunha ainda mais ousada e fiel do que João Batista, uma testemunha que confirmava seus ensinamentos por meio de obras que nem mesmo o poder dos reis era capaz de realizar. Os rumores deixaram Herodes perturbado, sem tranquilidade. Não admiramos que sua curiosidade tenha sido aguçada e que ele tenha desejado ver Cristo.

Infelizmente, na História da Igreja existem muitos homens importantes e ricos, semelhantes a Herodes, homens sem Deus e sem fé, homens que vivem para si mesmos. Geralmente tais homens vivem em seu próprio ambiente, sendo bajulados e cortejados, mas nunca conhecendo a verdade sobre sua alma; homens tiranos e orgulhosos, que não conhecem qualquer outra vontade, exceto a deles mesmos. No entanto, esses homens às vezes possuem consciências atormentadas e sentem medo. Deus levanta algumas testemunhas ousadas contra os pecados deles, testemunhas cuja mensagem alcança-lhes os ouvidos. Imediatamente a curiosidade de tais homens é despertada. Sentem-se descobertos e embaraçados. Sentem-se atraídos ao ministério dessas testemunhas, assim como a mariposa voando ao redor de uma vela, e parecem incapazes de evitá-las, mesmo que não as obedeçam. Elogiam o talento das testemunhas e abertamente admiram o poder delas. No entanto, ficam somente nisso. Assim como Herodes, suas consciências produzem em seu íntimo uma mórbida curiosidade para ver e ouvir as testemunhas de Deus, porém, seus corações, tal como o daquele rei, estão acorrentados ao pecado com algemas de aço. Arremessados de um lado para o outro por tempestades de concupiscências e paixões descontroladas, tais pessoas nunca estão em paz, enquanto vivem, e, após toda a sua intermitente luta de consciência, finalmente morrem em seus pecados. Essa é uma história triste, mas é a história da alma de muitos homens ricos e de posição.

Aprendamos do ocorrido com Herodes a ter compaixão dos homens de posição. Com toda a sua importância e esplendor aparentes, são completamente infelizes em seu íntimo. Roupas finíssimas e mantos oficiais frequentemente encobrem corações que desconhecem a paz. O homem que deseja tornar-se rico não sabe o que está desejando. Oremos pelos ricos e deles tenhamos compaixão. Estão carregando um peso imenso que os impede na carreira para a vida eterna. Se forem salvos, será exclusivamente por intermédio de um grande milagre da graça divina. As palavras de nosso Senhor são bastante solenes: *“É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”* (Mateus 19.24).

Por último, vemos nestes versículos com que facilidade e disposição os incrédulos podem concordar em não apreciar nosso Senhor. Quando Pilatos o enviou como prisioneiro a Herodes: *“Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro”*. Não sabemos qual era a causa dessa inimizade. Talvez fosse alguma contenda insignificante, que às vezes surge entre os grandes e os pequenos. Mas, qualquer que tenha sido a causa dessa inimizade, foi abandonada quando diante deles se colocou um objeto comum de desprezo, temor e ódio. Não importa sobre o que eles discordavam, mas Herodes e Pilatos concordaram em desprezar e perseguir a Cristo. Este incidente é uma figura notável de um estado de coisas que sempre veremos no mundo. Homens de opiniões muito divergentes podem unir-se em oporem-se à verdade. Os

ensinadores das mais contrárias doutrinas podem ter como objetivo comum o lutar contra o evangelho. Nos dias de nosso Senhor, os fariseus e saduceus juntaram suas forças para armar ciladas contra Jesus de Nazaré e assassiná-lo. Em nossos dias, vemos os católicos romanos, os ímpios, os idólatras, os amantes dos prazeres, os ascetas, os que sustentam pontos de vista liberais e os mais determinados oponentes - todos eles - juntos contra o cristianismo evangélico. Um motivo comum de ódio está unindo-os. Odeiam a cruz de Cristo. Nas palavras do apóstolo: *“Verdadeiramente se ajuntaram (...) contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel”* (Atos 4.27). Todos estes odeiam-se mutuamente; todavia, odeiam muito mais ao Senhor Jesus.

O verdadeiro crente não deve considerar como algo estranho a inimizade do mundo. Não deve ficar admirado se, assim como ocorreu ao apóstolo Paulo em Roma, perceber que o caminho da vida *“por toda parte”* é impugnado (Atos 28.22). Se ele espera que, por meio de qualquer concessão, conquistará o favor dos homens, será grandemente desapontado. Seu coração não deve se perturbar. Seu dever é esperar o louvor da parte de Deus. Precisa ter sempre em seus pensamentos as palavras de nosso Senhor: *“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia”* (João 15.19).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?